



**DESTAQUES DO PORTAL A TARDE**

Morre professor universitário baleado no Rio Vermelho

[www.atarde.com.br/bahia](http://www.atarde.com.br/bahia)

Confira toda a cobertura do fim de semana esportivo

[www.atarde.com.br/esportes](http://www.atarde.com.br/esportes)

[www.atarde.com.br](http://www.atarde.com.br)

71 3340-8991  
(Cidadão Reporter)

71 99601-0020  
(WhatsApp)

## EDITORIAL Patrimônio e diversidade

Prestes a completar 100 anos, o que vai ocorrer em junho de 2019, o Terreiro Tumba Junsara acaba de ser reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro. A casa já era tombada desde junho deste ano como Patrimônio Histórico do Estado da Bahia e ganhou titulação nacional após decisão unânime do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), durante reunião no Rio de Janeiro.

Localizado no Engenho Velho de Brotas, em Salvador, depois dos anos iniciais em Santo Amaro, no recôncavo

baiano, o Tumba Junsara é um dos terreiros mais antigos de tradição Angola, no Brasil, e carrega o legado das religiões de matrizes africanas. Sua con-

decoração é passo importante no caminho de preservação da cultura afro-brasileira, considerando que passa a contar com status de proteção em relação ao seu território, bem como estará apto a receber investimentos governamentais para a sua preservação como bem do País.

Mas a concessão do título traz embutido um valor ainda maior: ela mostra o avanço no conceito do que representa patrimônio brasileiro, revelando o reconhecimento quanto à diversidade cultural do País. Em tempos de luta contra intolerância religiosa, que tantas vezes

O título mostra avanço no conceito do que representa patrimônio brasileiro e o reconhecimento quanto à diversidade cultural

acometeu e ainda afeta fortemente terreiros de candomblé, esta é uma conquista significativa no sentido da conscientização da importância cultural destes espaços e de seu histórico de resistência e religiosidade.

Agora é acompanhar para que o reconhecimento do candomblé de nação Angola como patrimônio e o entendimento de sua riqueza e singularidade para a história do Brasil não se limitem a um registro em papel. Precisamos ir além da titulação. Os esforços pela valorização de tais referências culturais não podem parar por aí.

### JAGUAR



## O caminho sem volta do ajuste fiscal

**Carlos Rodolfo Schneider**

Empresário e coordenador do Movimento Brasil Eficiente

Governar não deveria ser sinônimo de cobrar impostos. Quando se avalia o tamanho de uma carga tributária, isso deve ser feito à luz do compromisso elementar de um bom governo – prestar os serviços públicos básicos e fazer os investimentos necessários –, considerando o princípio da eficiência dos gastos. Qualquer proposta de aumento de impostos que não passe por essa régua implica em escolher solução simplista, e transfere para a sociedade o custo da ineficiência.

O Brasil tem a pior relação mundial entre impostos cobrados e serviços devolvidos à sociedade. Isso explica (mas não justifica) por que motivo, mesmo com uma das cargas tributárias mais altas do planeta, e a mais elevada entre os países emergentes, presta serviços de péssima qualidade e praticamente não consegue investir. E, cobrando muito e devolvendo pouco, ainda assim, está em meio a uma séria crise fiscal, o que para uma empresa privada significaria situação pré-falimentar.

Se os governos gastam mal, elevar a carga tributária reduz a eficiência da economia. Em grande parte, é por essa razão que o Brasil tem produtividade baixa e está preso na armadilha da renda média. Portanto, devemos estar atentos a candidatos que propõem aumento de impostos para resolver a “falta de recursos” do governo. Exemplos de diversos países comprovam que resolver crise fiscal com redução de gastos permite crescimento econômico consistente, ao contrário do que acontece quando o caminho escolhido é o da majoração de impostos.

Infelizmente, alguns economistas importantes, presos a um viés de continuísmo, têm pregado a inexorabilidade de aumento de carga tributária para equacionar o problema das contas públicas. O que demonstra conformismo com a falta de coragem política dos governantes para enfrentar a doência da ineficiência do Estado. Mas as honrosas exceções que permitiram reformas significativas, apesar de insuficientes, nos mostram que os caminhos existem e que o esforço vale a pena. Por que não dar mais atenção no poder público a conceitos man-datórios na iniciativa privada: meritocracia, orçamento base zero, disrupção, tecnologias digitais?

Mesmo que, na avaliação do ex-presidente do Banco Central Arminio Fraga, os brasileiros ainda não estejam convencidos da necessidade de reformas e do ajuste fiscal, e creio eu, por falta de compreensão do assunto e em protesto pelos desmandos e corrupção, a realidade é uma só: não temos outra escolha. O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nobrega defende que a reforma tributária, que precisa simplificar a caótica estrutura de impostos do país, é a mais importante para aumentar a balança produtiva, fundamental para resgatar a competitividade da economia com conseqüente geração consistente de empregos e riqueza.

Na Alemanha nazista o alvo foram os judeus; na Europa contemporânea, os imigrantes; no macartismo nos EUA, os comunistas. Ou seja, há sempre uma instrumentalização de frustrações insuflando esses movimentos e incitando a valorização do personagem que Theodor Adorno, filósofo e sociólogo alemão, chama de “pequeno grande homem”. Ocasões em que qualquer um, que parece autêntico e que tudo pode em nome dessa transparência, ganha protagonismo aquele que fala como inclusive agredir. Para a massa, ele encarna “a verdade”. O tipo de discurso que costuma prometer o retorno à ordem e oferecer proteção, como fez Trump nos EUA.

Não consigo olhar para o que está acontecendo e para a infantilidade dos debates nas redes sociais, sem pensar em como grande parte de nós, eleitores, tivemos que atualizar as nossas fantasias infantis para sobrevivermos às eleições de 2018. É na infância que acreditamos, sem restrições, no poder de um pai soberano, em nome de quem renunciamos à nossa capacidade de arbítrio, confiando no seu suposto saber. Daí se explica o discurso não respondente ao diálogo racional, que dispensa o apro-

**Karin Koshima**  
Diretora da Recomenda Pesquisas & Consultoria e Especialista no comportamento do eleitor, consumidor e construção de imagem de marca  
[karin@recomenda.com.br](mailto:karin@recomenda.com.br)

Momentos como o que estamos vivendo, de anomia social, desalento e violação de expectativas, compõem a situação ideal para a fragilização de qualquer perspectiva coletiva positiva com relação ao futuro – o que acaba por também enfraquecer o sentimento nacional de pertencimento. Circunstância, emocionalmente muito desconfortável, que faz tentadora a busca por proteção em alguma organização social reativa, não importa a racionalidade dessas motivações. Empurrados por um estado de desolação e revolta, aderimos a grupos movidos pelo ódio, que identificam num inimigo comum a responsabilidade por todos os males; uma vez derrotado o inimigo, o bem estar geral seria resgatado. É o que ocorre no Brasil hoje, mas, historicamente, não constitui nenhuma novidade.

fundamento num programa de governo ou de evidências do preparo para governar. A vinculação está sustentada em algo muito mais poderoso que tudo isso: a comunhão de afetos.

O líder a quem se atribui dons especiais convence de que tudo pode ser resolvido de maneira tão simples e óbvia que aqueles que não concordam, só podem ser idiotas ou corrompidos. O que torna impossível um debate produtivo.

O comportamento do eleitor, até então, revela a exacerbação dessa busca por experiências infantis reconfortantes, que dialogam com o desamparo, oferecendo a seguradora saída através do “pequeno grande homem” condutor das massas. Sentiem que o país chegou a um momento em que tudo ou nada e querem líderes reais sem maquiagem, que não fiquem em cima do muro: o preto ou o branco. E sinalizam que não existe mais espaço para o titubeante cinza. Não por acaso, os candidatos que mais estiveram à frente na corrida presidencial são os que mais habilmente fizeram a leitura do estado emocional da população, encarnando, assim, a salvadora figura paterna demandada.

## A TARDE

Fundado em 15/10/1912  
Presidente de Honra: Renato Simões  
Conselho de Administração  
Presidente: João Mello Leitão  
Conselheiros: Ramúlio Bocayuva e Renato Simões Filho



SEDE: RUA PROFESSOR MILTON CAVES DE BRITO, Nº 204 CAMINHO DAS ARVORES, CEP: 41800-570, SALVADOR/BA. RALE COM A REDAÇÃO: (71)340-8800, (71)340-8900, FAX: (71)340-8710 OU (71)340-8715. DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 6:30 À MEIA-NOITE. SÁBADOS, DOMINGOS E FÉRIAS: DAS 9:00 ÀS 21 HORAS. SUGESTÃO DE PAUTA: CIDADAO@PORTER@GMAIL.COM.BR. (71)340-8091. CLASSIFICADO POPULAR/BR (71)333-0855. CIRCULAÇÃO: (71)340-8612. CENTRAL DE ASSINATURA: (71)333-0850.